



Conexões temporais: o instante e a duração nos relatos da morte nas comunidades virtuais¹

Renata Rezende²

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

Esse artigo faz parte de um conjunto de reflexões sobre o tempo, enquanto instante e duração, nas comunidades virtuais, e pertence a nossa pesquisa³ sobre a resignificação da morte na contemporaneidade midiática, cuja imbricação entre corpo, comunicação e tecnologias digitais de informação articulam novas leituras sobre a temática. Nessa análise, tomamos, principalmente, os conceitos de tempo individual e tempo coletivo a partir de Maurice Halbwachs, articulando-os aos usos nas comunidades virtuais de mortos do *Orkut*, especificamente a *Profiles de Gente Morta*⁴ (PGM).

Palavras-chave – Tecnologia; Tempo; Comunidades Virtuais; Morte;

Cada época produz uma temporalidade própria, ou seja, um sentido para a inscrição dos acontecimentos na duração. O conceito de tempo em toda a sua complexidade está entrelaçado, entre outros, às noções de matéria e memória e, assim, diretamente à morte, uma vez que o tempo dos indivíduos que periodiza as divisões das idades da vida é pautado em relação à morte (*artes moriendi*). Desta forma, o tempo é, também, fundamental para se compreender o conceito da morte, na medida em que atravessa diretamente nosso corpo, indicando, por meio de marcas, que já não somos mais quem fomos: “viver é perder tempo: já que nada podemos recuperar ou guardar a não ser sob a forma de eternidade”, acredita o escritor espanhol Jorge Santayana (*Apud BORGES*, 2001, p.28).

A eternidade, por sua vez, é o arquétipo do tempo, uma espécie de imagem feita da substância de tempo que se encontra imóvel. É um registro que abriga todos os

¹ Trabalho apresentado ao GP de Cibercultura, DT5 Multimídia, no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Renata Rezende é professora adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Doutora pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado na linha de Novas Tecnologias da Informação, pela mesma universidade. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br

³ Desde o VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP TI - Tecnologias da Informação e da Comunicação, realizado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2007, desenvolvemos a presente pesquisa, pertencente a nossa tese de doutorado. Nesse mesmo GP de Cibercultura, de 2007 a 2009, apresentamos os seguintes artigos, respectivamente: “Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea”, “O Renascimento do Purgatório: espaço tecnológico da morte contemporânea” e “A multiplicação dos mortos: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais”.

⁴ Segundo nossa pesquisa, no Brasil é a mais antiga comunidade que reúne perfis de pessoas mortas da rede *Orkut*. Foi criada em dezembro de 2004. Em agosto de 2006, quando iniciamos nossa pesquisa, a comunidade contava com 31.736 membros. Atualmente esse número ultrapassa 75 mil participantes.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>. Acesso em: 05/07/2010.



momentos do mundo, como uma combinação abundante do universo. Mas a eternidade, afirma Borges (2001), é uma invenção, cujo objetivo é conservar o mundo em uma perpétua criação, que inclui os indivíduos e as coisas no desejo de uma realidade permanente, de se tornar eterno.

A construção da arquitetura temporal da civilização ocidental ancorou-se na relação entre três *estases* do tempo: passado, presente e futuro e, no processo de formação de laços entre tais marcações temporais, as tecnologias de comunicação e de informação foram (e ainda são) fundamentais para sua compreensão, contribuindo para a transformação da própria consciência de tempo. O desenvolvimento e aperfeiçoamento de tecnologias como o relógio mecânico, e mais recentemente as modernas máquinas que medem o tempo, tiveram profunda influência no modo de viver do homem. Essas tecnologias contribuíram para o desenvolvimento de rotinas, para ordenar complexas operações de nossa sociedade de maneira regular e efetiva. A partir delas, fomos compelidos a cada vez mais relacionar o tempo individual de nossa experiência pessoal a um cronograma determinado pelo relógio e pelo calendário da sociedade a qual pertencemos.

Hoje, o computador se apresenta como uma das máquinas que pautam o tempo de nossa era, denominado por muitos autores como pós-moderna⁵, mas que, segundo Gilles Lipovetsky (2004), traduz em seu próprio nome um olhar para um passado que se decreta morto, anunciando a liberdade com a dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos. É uma época, segundo ele, em que o tempo é escasso, gerando novos conflitos culturais a partir de temporalidades divergentes: horário flexível, tempo livre, tempo dos jovens, multiplicação das idades. É época cuja expectativa está ligada à capacidade de não perder nada do tempo que passa, de computá-lo e acumulá-lo, numa espécie de busca pela imortalidade.

Desta forma, acreditamos que há uma dimensão temporal desenvolvida a partir dos usos dessas tecnologias, expressando-se por meio de formulações narrativas intrinsecamente relacionadas ao regime de historicidade. O tempo é, portanto, a experiência humana e seu sentido incluem todo um conjunto de sensações e consciências, transformando-se segundo os contextos culturais, econômicos e políticos. O tempo humano é, pois, narrativa (RICOEUR, 1995, 1996, 1997), uma vez que a

⁵ Desta forma, Lipovetsky (2004) utiliza o prefixo *hiper* ao pós, na medida em que ele considera que tudo hoje virou excesso, que o mundo contemporâneo é movido pela obrigação de movimento.



formulação de seu próprio sentido advém de sua possibilidade de narrar, de tornar visível a maneira como determinada época vivencia sua própria temporalidade, construindo uma dimensão histórica, ancorada em suportes diversos (textos, sons, imagens).

O próprio homem passou a ser compreendido a partir de seu fim. A comparação introduziu a idéia de regularidade e, nessa concepção, cada homem percorre na História, os mesmos estágios do desenvolvimento: ascensão, apogeu e declínio, ou seja, nascimento, desenvolvimento e morte. A própria vida pode, assim, ser entendida como narrativa. Desta forma, os indivíduos existem na medida em que participam da história que os inclui – uma espécie de realidade permanente, já que há uma infinita duração que precede o nascimento de cada um. Por outro lado, a morte funciona como marco temporal, na medida em que comporta um limite de tempo, mas que pode ser estendido a partir da memória que se inclina ao intemporal.

Assim, a referência ao tempo é o centro dessa análise, cuja intenção é discorrer sobre a percepção e a produção de temporalidades, a partir da constituição da técnica e de seus usos, que contribuíram para formatar inúmeras representações da morte no Ocidente. Concentramos-nos no exemplo da *Profiles de Gente Morta (PGM)*, nosso objeto de estudo, onde o tempo pressupõe o dinamismo da velocidade, por meio da constante atualização da narrativa, mas também uma desaceleração, na medida em que insere o usuário no tempo total sob dois aspectos: projeto de vida eterna, ancorado na manutenção da memória do morto, e possibilidade de conexão sem espaço fixo, ou seja, acesso ao suporte portátil (mobilidade).

Acreditamos que a configuração de tempo proposta pela comunidade virtual *Profiles de Gente Morta*, enquanto suporte digital aponta para um presente que não quer se tornar futuro, ou seja, existiria nessa comunidade o desejo de prolongar a vida, o que levaria a uma desaceleração da percepção, estendendo o tempo. Desta forma, ressurgem a antiga questão: como então distinguir passado, presente e futuro nesse ambiente? Seria uma dada relação com o tempo, uma relação de poder sobre o tempo?

Outra questão importante é a própria dimensão das comunidades virtuais no cotidiano, que inserem um ritmo de expectativa de novas leituras, conformando uma interatividade específica, na medida em que o usuário (leitor da morte) não é apenas mais um leitor, mas criador, construtor dessa morte e, logo, desse tempo. Essa articulação com o tempo está localizada, sobretudo, no passado, a partir da constituição



das histórias - biografia dos mortos -, dos quadros de memória, das homenagens e das comemorações.

Nesse sentido, parafraseando Heidegger⁶, “ser no tempo” é a forma temporal de ser no mundo, o que, segundo Ricoeur⁷ (2007, p.395), implica um esforço que se concentra na preservação dos vínculos do modo temporal com a historicidade. Esses vínculos são fundamentais para que se possa entender sua relação com o espaço e com a tecnologia, a fim de apreenderem sentidos como os de materialidade e de imaterialidade, de instante e de duração que constituem e também pertencem à narrativa da morte na sociedade ocidental e, na contemporaneidade, encontram-se também nas comunidades virtuais como a *Profiles de Gente Morta*.

O Tempo na *Profiles de Gente Morta*

O desenvolvimento de tecnologias imateriais e com capacidade de arquivamento cada vez mais ilimitada reforça o desejo de se congelar o passado no presente, visando alcançar um tempo eterno. Esse é o projeto temporal das comunidades virtuais dos mortos, especificadamente, a *Profiles de Gente Morta*.

Constituindo-se em um fluxo contínuo, a narrativa dessas comunidades aponta para as comemorações que servem à construção particular de uma temporalidade, onde passado, presente e futuro se confundem em torno da idéia de desaceleração. Nesse sentido, o passado se daria a partir do fato ocorrido (o motivo da morte), o presente, pela costura diária da narrativa a partir dos relatos dos membros dessas comunidades e o futuro enquanto projeto de permanência, a partir de uma específica materialidade (constituída por fotos, vídeos, textos, sons), apesar de estar alojada em um ambiente imaterial.

Assim, podemos afirmar que essas comunidades são guardiãs do tempo desse acontecimento, passando, de certa forma, à promotora de seu “renascimento”, já que a narrativa é atualizada freqüentemente, mas mantém conteúdos idos, conforme verificamos na figura 1.

⁶ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I e Parte II. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Ricoeur (2007) propõe o que ele considera ser uma leitura alternativa do ser-para-a-morte, a partir de *Ser e Tempo*, de Heidegger, considerando o “ser para uma possibilidade”, que se projeta na possibilidade aberta do “poder-ser total”, ainda que na finitude do horizonte mortal.

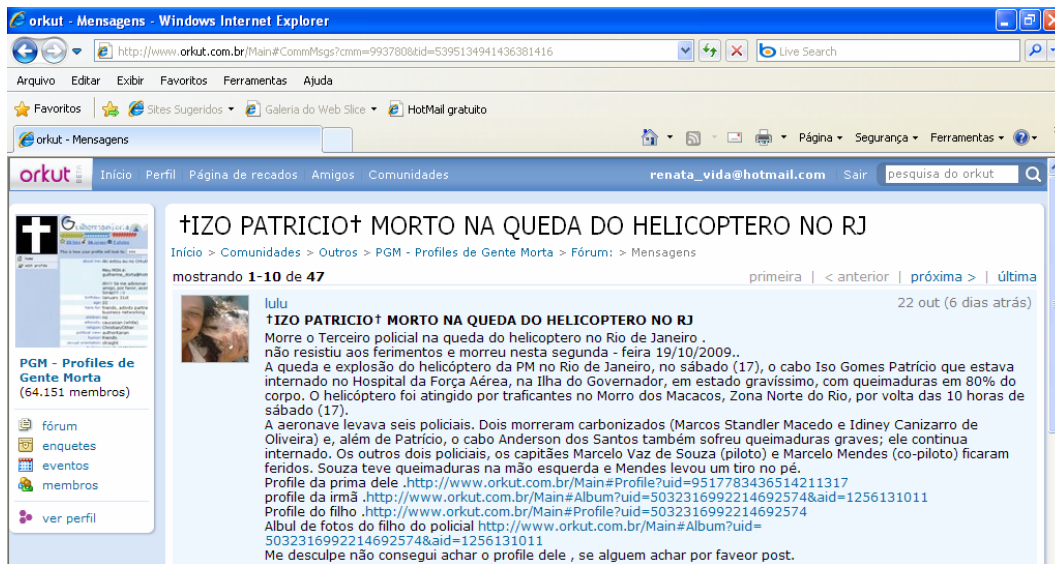


Figura 1. Exemplo de postagem na PGM

No exemplo, há a narrativa dos detalhes do acidente, como a marcação do tempo por meio de datas e os fatos relacionados aos principais momentos. A lógica se dá entre o acontecimento e sua repetição não como cópia, mas como reconstrução.

Por sua capacidade de misturar presente e passado, é possível entender o papel das comunidades dos mortos como guardiãs da memória e produtoras de comemorações. Tais comemorações reinstalam uma dada memória, como lugar de coexistência de um tempo coletivo, que é também uma tentativa compreender a contemporaneidade.

Se o mundo contemporâneo é marcado, sobretudo, pela lógica do instante, pela informação que se atualiza segundo a segundo, *on line*, as comunidades virtuais não fogem à regra, constituindo a memória como acontecimento, restabelecendo uma lógica narrativa na qual o passado pode ser utilizado concomitantemente ao presente a fim de criar uma realidade que materialize fragmentos memoráveis para sintetizar espaços para a celebração.

Promotoras dos gestos comemorativos, essas comunidades assumem uma função política, firmando-se, em certa medida, simbolicamente, como herdeiras desse acontecimento que contém uma época e um contexto, mas que podem ser presentificadas, na medida em que são acessadas e modificadas pelos usuários.



Recriando uma atmosfera sagrada dos tempos míticos, a comunidade virtual tenta promover um “tempo sonho”, que transfere o passado para o presente, numa certa concepção de tempo imanente, não sujeito às regras da divisão cronológica. Isso se dá a partir de, principalmente, dois aspectos: quando inserido naquele espaço, o usuário está imerso no “tempo total”, próprio daquela tecnologia, e quando traça o tempo a partir da configuração da narrativa, já que, por meio dos relatos dos mortos, os vivos constroem as histórias não por um tempo cronológico, mas a partir dos recursos disponibilizados naquela interface, como as janelas e os *links*.

Esse “tempo total” configura-se pela atuação do usuário naquela plataforma, ou seja, o tempo que ele passa na comunidade, não pode ser contabilizado como o mesmo tempo do mundo, já que o insere em tempos paralelos: o tempo único da comunidade e o tempo múltiplo de seus usuários. Por outro lado, os usos que o participante faz do passado dos mortos, traçando uma narrativa, quando percorre os espaços ali disponíveis (*profiles*, janelas, *links*), o insere em um tempo próprio, que ele mesmo determina, já que define qual caminho percorrer e a quantidade de tempo a passar naquele ambiente.

Conectando o passado ao presente, as comunidades tornam-se guardiã do tempo do fluxo, esse que escorre com o instante. Há uma eclosão daquilo que Nora (1984) afirma ser a “era patrimonial”, ou seja, a valorização constante do passado, ainda que recente. O passado torna-se cada vez mais híbrido no presente, que vive sob a égide do futuro (com a intenção de desacelerar a morte, na medida em que a rememora). Ao mesmo tempo em que é preciso relembrar diariamente os fatos é necessário multiplicar os mortos⁸ (sob a forma de fragmentos: imagens, textos) com a intenção de evocar o passado, reafirmando a memória e permitindo a agregação de novas comunidades.

François Dosse (1998) afirma ser necessário entender os gestos comemorativos dentro de um projeto de mudança do regime de historicidade, onde a relação entre passado, presente e futuro é fundamental. Na contemporaneidade, segundo Dosse, o futuro é perseguido como meio de intensificar o presente. Na *Profiles de Gente Morta* não é apenas o passado que aparece, mas um horizonte de expectativa, ou seja, os processos comemorativos antecipam também o futuro (futuro como desejo de permanência) quando intensificam o presente. Esse “momento memorial” que

⁸ Desenvolvemos essa perspectiva no artigo “A multiplicação dos mortos: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais”, apresentado no IX Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP TI - Tecnologias da Informação e da Comunicação, realizado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2009, na cidade de Curitiba, Paraná.

intensifica o presente recorre a recursos com valor performativo. Nesse sentido, a função da evocação do passado na comunidade seria construí-lo e, desta forma, inventá-lo. Assim, o passado é convocado ao presente para possibilitar a criação de novas sociabilidades, mas também para preservar e marcar lugares e momentos próprios, ainda que como tentativa de reconstrução.

Apesar de a comunidade comportar regras temporais visíveis, que podem ser verificadas pelo horário das postagens ou pela marcação dos dias, meses e anos, como é possível notar nas figuras a seguir, o percurso temporal pode ser trilhado pelo usuário, conforme este desejar, já que o próprio *modus operandi* do ambiente permite que o participante construa seu tempo, na medida em que atravessa os múltiplos tempos dos mortos ali postados.

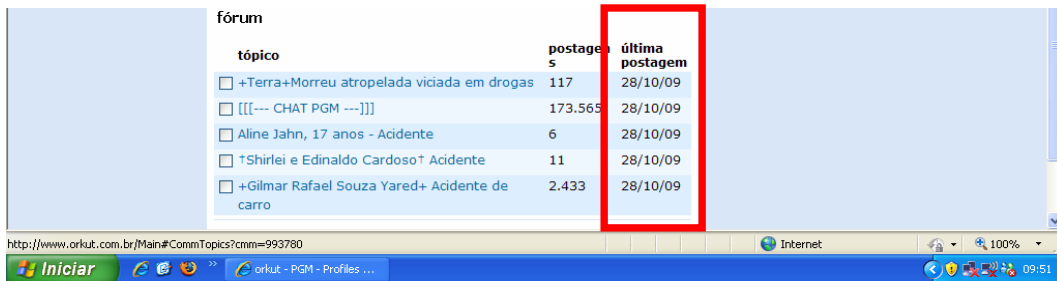


Figura 2. Janela do “fórum” (tela principal da PGM)

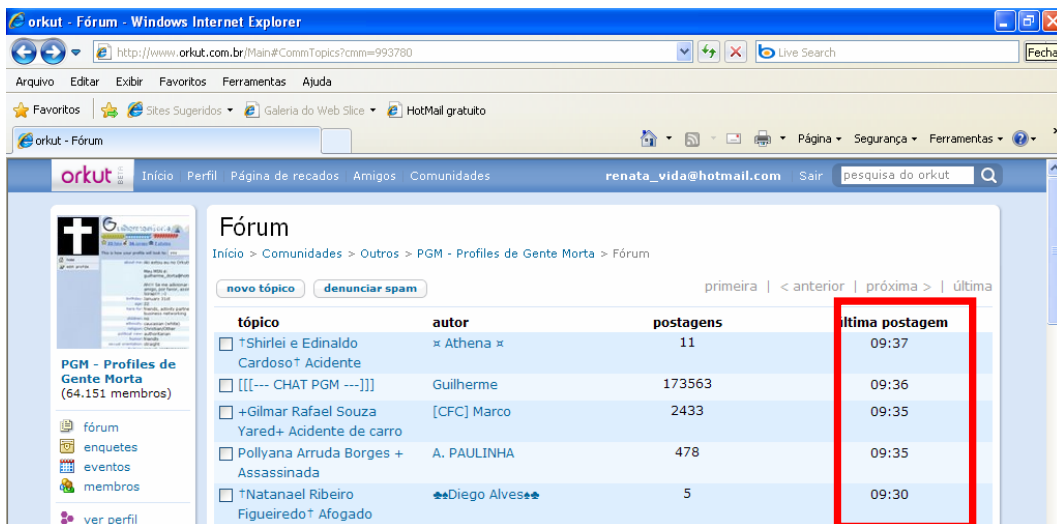


Figura 3. Parte do “fórum” da PGM (link aberto)

O tempo cronológico está presente, em especial no “fórum” da comunidade, como podemos verificar nas figuras 2, 3 e 4, no entanto, ele funciona mais como uma forma de organização do espaço, que é ordenado segundo a publicação das postagens.

Na janela do “fórum”, na tela principal da *PGM* (figura 2), o tempo é organizado pela seqüência de dia, mês e ano. Quando se abre o *link*, a seqüência passa a ser ordenada pelo horário (figura 3), que neste caso só prevalece quando a postagem é realizada no mesmo dia, ou seja, se for factual. No entanto, quando o dia da postagem transcorre, a marcação a partir das horas torna-se marcação a partir do dia e do mês (figura 4), e, com mais tempo, do dia, do mês e do ano. Contudo, este ordenamento temporal não é determinante para traçar o tempo do usuário, que pode percorrer as postagens, segundo o seu interesse pelas histórias dos mortos.

<input type="checkbox"/> †Wallace Ribas Pepe†	Diego Alves	6	27 out
<input type="checkbox"/> † Lenny †	Marco & Andréa	5	27 out
<input type="checkbox"/> + Heitor Muniz - Acidente de carro +	Shay	8	27 out
<input type="checkbox"/> †JULIVAL NOVAES DOS SANTOS† Acidente em MG	Diego Alves	18	27 out
<input type="checkbox"/> + Jean Campos + Físiculturista assassinado	Nigel	23	27 out
<input type="checkbox"/> †Mharton Stefan Rodrigues† Acidente com Moto	Diego Alves	4	27 out
<input type="checkbox"/> †Suelen Estercio† Acidente de Moto	Diego Alves	5	27 out
<input type="checkbox"/> †Edson Domingues de Oliveira†	Diego Alves	5	27 out
<input type="checkbox"/> Leandro-afogado	"Se"	9	27 out

Figura 4. Continuação do “fórum” *PGM* (*link* aberto)

Essa organização temporal da comunidade demonstra que há uma aproximação, em certo sentido, com a história mítica, que comporta o paradoxo de ser disjuntiva e conjuntiva, em relação ao presente: graças ao ritual, o passado “disjunto” articula-se, por um lado, com a periodicidade sugerida e, por outro, com o passado “conjunto” que, ao longo dos depoimentos (das postagens), une os mortos e os vivos.

Desta forma, admitimos que há uma organização temporal, que se dá em um horizonte específico, mas que, no entanto, a *Profiles de Gente Morta* consegue desenvolver um tempo próprio, além das dimensões do tempo cronológico (tempo da vida fora daquele ambiente). Esse horizonte específico existe porque expressam convenções e costumes, segundo o qual se sucedem diversas fases da vida social, como as divisões do tempo, as durações fixadas, etc. Apesar dessas divisões, não quer dizer que haja um tempo social único, porque, apesar de comportar um tempo comum (enquanto comunidade), coexistem diferentes temporalidades segundo os grupos que ali atuam (usuários).



Por outro lado, o tempo próprio da comunidade é intrínseco à sua plataforma tecnológica, que pressupõe o dinamismo da velocidade (por meio da constante atualização da narrativa, ou seja, das postagens dos relatos). A sucessão dos tempos, a rapidez e o ritmo fazem parte da própria característica do suporte a qual pertence. Mas, contraditoriamente, também uma desaceleração, na medida em que insere o usuário no tempo total sob dois aspectos: projeto de vida eterna, que visa manter a memória do morto, e mobilidade, ou seja, a possibilidade de conexão sem espaço fixo, já que é possível acessar esses mortos a partir de suportes móveis (computadores portáteis, telefones celulares, etc.).

Os relatos e imagens dos mortos possibilitam que os usuários ingressem na experiência da morte, participando, paralelamente, de um tempo individual e outro coletivo, onde os acontecimentos (em torno da temática maior que é a morte) ampliam a história do grupo social ancorada em fragmentos individuais. As histórias se confundem, na medida em que lembrança de cada morto assemelha-se aos de outros coletivos, e é a partir de umas e outras histórias, de um conjunto, que se desenvolve a perspectiva temporal coletiva da comunidade.

Em torno das imagens e dos relatos que funcionam como objetos de memória, o pensamento individual encontra o coletivo, pois as impressões afetivas tendem a desabrochar em imagens e representações compartilhadas. Na *Profiles de Gente Morta*, esse contato é estabelecido pelo espaço que está composto com imagens, textos e sons. Esses elementos funcionam como cortes, que promovem a passagem do tempo do usuário ao tempo da comunidade, já que esses cortes tendem a estender a permanência de cada usuário nas dos demais participantes, como uma teia temporal. Entre esses momentos (cortes), não necessariamente sucessivos, é possível imaginar que se desenrola uma espécie de tempo sonho (tempo total), envoltório pelas convivências sociais que funda o tempo da comunidade, mas que é sentido pelo usuário como um tempo pertencente a ele.

Desta forma, todo o usuário da comunidade teria a sensação de uma duração própria, mas sucedida de estados diferentes. “A duração nada mais seria do que a seqüência desses estados, a corrente que parece passar através deles, sob eles, despertando um após o outro” (HALBWACHS, 2006, p.115). Neste sentido, cada participante tem sua própria duração, mas contextualizada à duração dos outros.

Segundo Halbwachs (2006, p.116), “quando se compara muitas consciências a um mesmo tempo, temos a impressão de viver anos em algumas horas ou dias”. Na *Profiles de Gente Morta* isso acontece porque os eventos nos envolvem, seja porque nossa reflexão se modifica quando se apropria da temporalidade do próprio suporte, seja porque, ali imersos, estamos em estado de exaltação e efervescência afetiva ao compartilhar, na maior parte dos casos, histórias trágicas.

O trágico, segundo Halbwachs (2006, p.123), faz com que “a dor crie em nós um sentimento desesperado de angústia e impotência” e, por isso, instintivamente, procuramos uma explicação desse sofrimento em um grupo, no qual os membros dele partilhem. Esse grupo também pode servir de local onde possamos despojar o sofrimento, descobrindo novos rostos em outras tragédias, imaginando que podem ser experimentadas por nossos semelhantes. Halbwachs afirma que há uma contradição nesse grupo, porque da mesma forma que o rejeitamos para ocupar um terreno comum, restituímos uma fisionomia coletiva familiar. Podemos verificar esse tipo de contradição na comunidade, por meio das próprias enquetes realizadas pelo grupo.

No exemplo da figura 5, notamos que a própria pergunta formulada para a enquete é contraditória, na medida em que questiona aos usuários da comunidade, que se propõe a postar perfis de mortos e discutir sobre a morte naquele ambiente, se “os membros da PGM que deixam recados para os falecidos devem ser banidos”. Além da contradição na formulação da questão, as respostas também demonstram o paradoxo que é a própria comunidade, já que pelo gráfico, 34% dos membros, ou seja, a maioria, afirma que acha falta de respeito deixar recados para os mortos, mesmo que pertençam a uma comunidade pautada na temática da morte.

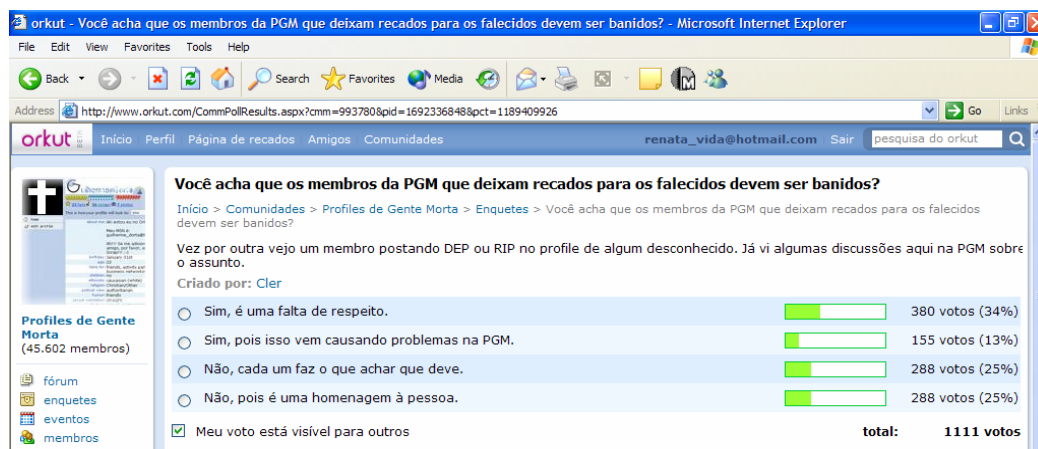


Figura 5. Exemplo de enquete sobre a participação dos membros

Em outro exemplo, na enquete “Você deixa *scrap* para os que já foram? Por quê?” (figura 6), a contradição novamente aparece, já que 63% dos participantes afirmam que “não, nunca”.

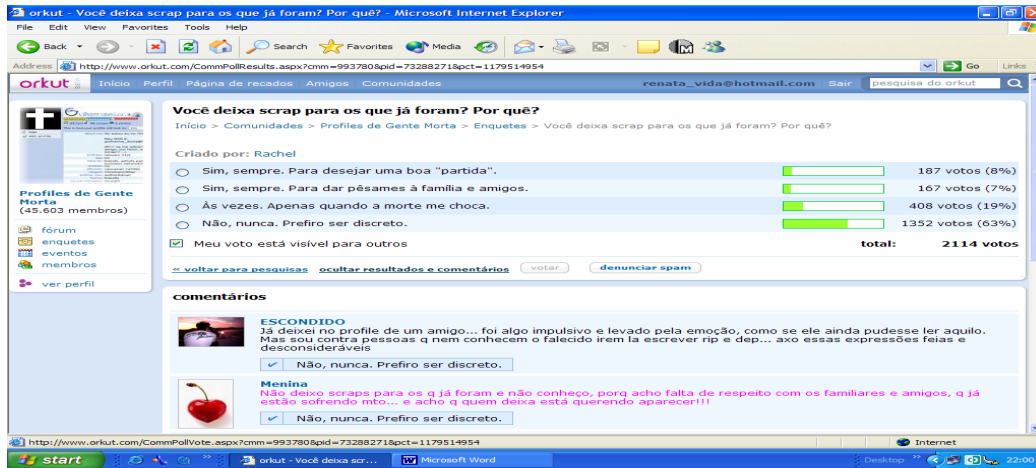


Figura 6. Outro exemplo de enquete sobre a participação dos membros

Conexões temporais: unindo vivos e mortos

A noção temporal ampliada da comunidade envolve todas as existências, todas as sucessivas mortes, que se resumem em uma seqüência descontínua de momentos: tempo dos vivos e tempo dos mortos. Cada um desses momentos corresponde a uma relação estabelecida entre muitos pensamentos individuais, que tomam uma consciência simultânea. As mortes, quando se cruzam, se fundam em uma representação ampliada, que envolve todas as consciências e a relação que têm entre si, já que naquele ambiente, de vivos e de mortos, a partilha envolve múltiplas narrativas que, atuando em conjunto, formam um painel de momentos.

Esse ambiente revela que o tempo é concebido como algo que se estende ao conjunto dos seres, sendo criação artificial, obtida por soma, combinação e multiplicação de narrativas tomadas de empréstimo às durações individuais.

Os lugares que ocupam os mortos são distintos, mas quando agrupados à comunidade estão encerrados em um meio homogêneo. A cada momento ou a cada período do desenrolar das histórias de cada morto, outras se cruzam, passando de uma consciência à outra. É essa continuidade que explica que uns lembrem os outros e de narrativas individuais formam uma série contínua, que é a própria comunidade. A



comunidade, enquanto espaço e tempo comuns, é uma representação de muitas consciências: é o ponto de encontro, é a tendência do pensamento coletivo.

Para Halbwachs (2006, p.124), “se com as durações individuais podemos reconstituir uma duração mais ampla e impessoal em que estão contidas, é porque elas mesmas se destacam sobre o fundo de um tempo coletivo as que tomam emprestada sua substância”. O tempo coletivo da *PGM* importa para seus usuários, na medida em que os permitem reter e lembrar os acontecimentos que ali ocorreram, seja por meio do contato com o grupo, a partir de inúmeros contextos e discussões sobre a morte, seja pelo próprio encontro com os mortos, a partir de seus vestígios.

Afinal, quando nos lembramos de nossos mortos, mesmo que essa lembrança esteja desprovida de datas e marcações, existe um contexto de dados temporais a que esta lembrança está ligada de alguma forma, como uma festa de aniversário, um encontro com os amigos ou uma reunião de trabalho. É por uma série de reflexões ancoradas em espaços de tempo que a lembrança toma corpo e se completa. Essa relação é um modo de localizar as lembranças.

Na *Profiles de Gente Morta*, esses momentos podem ser resgatados à lembrança porque é possível entrever os vestígios e associá-los ao momento em que o fato aconteceu. Segundo Halbwachs (2006, p.125), “em grande número dos casos, encontramos a imagem de um fato passado ao percorremos o contexto do tempo – mas, para isso, é preciso que o tempo seja apropriado para enquadrar as lembranças”. É esse tipo de apropriação do tempo que percebemos na *PGM* e, daí, decorreria o paradoxo da desaceleração que sublinhamos anteriormente.

A desaceleração do tempo se daria a partir do contato com o passado, trazido para o presente pelo usuário por meio da manipulação do tempo, através da narrativa construída. O modo de perseverança do passado no presente resulta do fato de que a referência à ausência é constitutiva do modo de presença da lembrança. Desta forma, o usuário procura encontrar ou reconstituir a lembrança no tempo do grupo e é nele que se apóia a fim de compreender a morte também pela utilização da memória. “O tempo e só o tempo tem o poder de desempenhar este papel, à medida que nele pensamos como um meio contínuo que não mudou e que permanece hoje como era ontem, de modo que podemos encontrar o ontem no hoje” (HALBWACHS, 2006, p.146). Nesse sentido, a morte pode se revelar inerente ao trabalho de lembrar.



Para Halbwachs (2006, p.154), “o tempo não passa: ele dura, subsiste e é necessário”, porque caso contrário a memória deveria retroceder no tempo. Nesse sentido, o tempo só é real na medida em que tem um conteúdo, ou seja, na medida em que oferece ao pensamento uma série de acontecimentos. Na *PGM* ele pode ser relativo, mas contém uma realidade plena quando insere o usuário no “tempo sonho”, ampliando a temporalidade da própria comunidade, enquanto oferece às consciências individuais um contexto de respaldo para que estas possam nele dispor e reencontrar suas lembranças, encontrar seus mortos, até porque, para evocar essas lembranças, os usuários se apóiam na memória do grupo.

Encerrados em seus próprios pensamentos, os participantes da *PGM* se aproximam de uma temporalidade ampliada, à medida que se põem no ponto de vista do grupo mais extenso. O que orienta os pensamentos neste esforço, visando ampliar e universalizar o tempo, é a representação de um ambiente uniforme, paralelo à representação do espaço e até se confundindo com ela. Daí decorre a relação entre tempo/espaço, pois quando os homens pensam no tempo, estipulam uma abstração dos eventos particulares, imaginando um ambiente homogêneo, como a comunidade virtual, ainda que este ambiente comporte inúmeros fragmentos distintos, como as múltiplas narrativas da morte.

É por meio de uma construção artificial, como a *PGM*, que os dois tempos, o tempo do usuário e o tempo da comunidade, se interpenetram, ou quando os dois são alinhados, um ao lado do outro. Pouco importa que os fatos tenham ocorrido no mesmo dia, mês ou ano, porque, no geral, a simultaneidade entre os tempos individual e coletivo, não é observada. Assim, são as representações e não o próprio acontecimento que entra na memória dos usuários participantes do evento.

A narrativa da morte, enquanto temática ampliada na *PGM* é, desta forma, uma justaposição de histórias parciais, ou seja, de narrativas individuais que abrangem a vida dos grupos ali inseridos. O tempo de cada usuário é assim reconstruído, estendendo-se a espaços mais vastos, nos quais ele só consegue abranger o grupo que entra nesse círculo e ocupa esse contexto. O que constitui esse grupo é o interesse em comum, uma ordem de idéias e de preocupações que se particularizam e, em certa medida, refletem as personalidades de seus membros, não de forma generalizada ou impessoal, pois o objetivo é comportar seu sentido e sua importância.



A *Profiles de Gente Morta* se situa como uma corrente de idéias comuns, ligando o participante daquela rede aos seus mortos que subsistem, ainda que não estejam presentes, pois a comunidade fornece condições que permitem ao usuário se situar em sua lembrança. Se a lembrança subsiste apesar do afastamento, apesar da morte, é porque além do elo pessoal, há um pensamento comum, há uma visão dos vestígios que promovem um retorno do passado, resgatando do esquecimento, a imagem do morto.

As condições que permitem situar a lembrança do morto fazem parte de um conjunto de elementos que transformam a união dos participantes em uma base afetiva, contribuindo para o pensamento subsistente do grupo. Isso ocorre porque as relações entre as pessoas se incorporam a conjuntos mais amplos. Desta forma, o tempo do usuário é pautado em um ambiente ampliado; é mais que um acontecimento passado, porque cada um deles tem um significado em relação ao conjunto da *PGM*, que se conserva em sua realidade e não se confunde com as figuras particulares e passageiras que o atravessam.

Nesse sentido, as imagens e os relatos de mortos particulares também desempenham uma função cognitiva, induzindo e confirmando as representações das estruturas espaços-temporais ampliadas ou das estruturas sociais de que os mortos, tanto quanto os vivos, são parte recebedora.

Desta forma, o tempo da morte na *Profiles de Gente Morta* pertence ao tempo da narrativa construída por seus usuários, que, na medida em que se exprimem, comunicam sentidos, carregados de valores simbólicos, religiosos, políticos, ideológicos ou mesmo fúteis. Todo contexto temporal participa do funcionamento e da reprodução das sociedades passadas e presentes, afinal, como acredita Ricoeur (1996, p.15), “o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. [...] o tempo torna-se tempo humano, na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. O tempo, nesse sentido, se confunde com a experiência e, nos possibilita, assim, encontrar os mortos.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. **História da eternidade**. São Paulo: Globo, 2001.



DOSSE, François. **Entre histoire et mémoire**: une histoire sociale de la mémoire. Raison Présent, Paris, n. 128, 1998. Nouvelles Editions Racionaliste.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

ORKUT. **Comunidade Virtual** [on line]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. [Capturado em 05 de julho de 2010].

PROFILES DE GENTE MORTA. **Comunidade Virtual** [on line]. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780> [capturado em 05 de julho de 2010]

REZENDE, Renata. **Fragmentos de um corpo**: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom/Unisantos/Unisantos/Unimonte, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007 / organizado por Sueli Mara S. P. Ferreira. [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2007.

_____, Renata. **“O Renascimento do Purgatório”**: espaço tecnológico da morte contemporânea. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Natal, setembro de 2008, [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2008.

_____, Renata. **“A multiplicação dos mortos”**: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Curitiba, setembro de 2009, [recurso eletrônico]- São Paulo: Intercom, 2009.

_____, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo 1). Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa** (tomo 2). Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

_____. **Tempo e Narrativa** (tomo 3). Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007.